

Entre a Saudade da Terra

Múltiplas camadas de tempo e espaço são parte constitutiva da vida cotidiana dos portugueses que vivem no sudeste de Massachusetts — uma região da Nova Inglaterra que há mais de um século atrai imigrantes dos Açores, Portugal continental e Madeira. Nos enclaves étnicos da região — as hortas e jardins portugueses — símbolos de vida outrora vivida nas pequenas aldeias e cidades de origem — contrastam flagrantemente com as grandes estruturas fabris que, na virada do século, estavam a vanguarda da industrialização americana. Embora a vida de muitos seja marcada pelos turnos de trabalho fabril durante o verão — tal qual no final da época da colheita em Portugal — migrantes portugueses de origem rural continuam a ritualizar as suas memórias da terra natal numa sucessão de festas folclóricas regionais. Superpondo-se às inúmeras associações voluntárias regionais — as celebrações do Dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas trazem à tona a era das descobertas portuguesas (isto é, a memória histórica de Portugal) no presente americano.

Esta contínua incorporação do passado no presente talvez seja característica de enclaves imigrantes em qualquer parte do mundo. Aparentemente, as representações simbólicas e práticas sociais associadas a Portugal podem ser interpretadas como mera nostalgia. No entanto, estas múltiplas camadas de tempo e espaço — superpondo significados e valores culturais que estão muitas vezes em conflito — são representações dinâmicas da forma pela qual migrantes percebem e confrontam as mudanças verificadas nas suas condições de existência na intersecção de culturas.

Essas representações são constitutivas da saudade — uma construção cultural originada no século XVI que define a identidade (peregrina) portuguesa. De um lado, como parte constitutiva do **eu** ou da pessoa, a saudade tende a ser caracterizada como — a experiência desenraizada

e a América:

mulheres imigrantes¹

¹ A versão completa deste ensaio foi publicada em *Ler História* ISCTE Lisboa nº 27/28 1995 p 45-73. Na revisão final beneficiamo nos da leitura cuidadosa e das sugestões críticas de Mary Garcia Castro e Emilia Viotti da Costa

² HOBBSBAWM E Introduction In HOBBSBAWM E e RANGER T *The Invention of Tradition* Cambridge Cambridge University Press 1986

³ ANDERSON B *Imagined Communities* Londres Verso 1993

localizada entre as memórias do passado e o desejo do futuro ou simplesmente no dizer de um jovem imigrante como as memórias que tocam a alma. Estas memórias estão intrinsecamente associadas as camadas de tempo e espaço anteriores a emigração ou seja a saudade da terra. De outro lado como parte constitutiva da memória histórica coletiva de Portugal ou da invenção da tradição (para usar a expressão de Hobsbawm²) a saudade e narrada como sendo a essência do caráter nacional português e portanto como sinônimo da comunidade política imaginada³. Temporalmente este imaginário volta-se a era dos descobrimentos e a subsequente história da imigração espacialmente abrange as explorações marítimas e a separação de parentes espalhados pelo mundo.

Neste ensaio privilegiamos a temática da saudade da terra a fim de examinar o modo como duas gerações de mulheres portuguesas constroem e reconstróem as suas memórias da terra natal no contexto de suas experiências específicas de imigração, vida e trabalho nas cidades industriais do sudeste de Massachusetts. Desta perspectiva o nosso intuito é analisar o modo diferencial como essas imigrantes (1) reelaboram e reinventam tempos e espaços portugueses no contexto de suas trajetórias de vida na intersecção das culturas portuguesa e americana (2) percebem e confrontam a superposição de significados e valores culturais muitas vezes conflitantes principalmente em relação a gênero, classe e etnicidade e (3) em última análise como constroem e reconstróem as suas identidades individuais em um espaço transnacional.

Memória cultural, trajetórias de vida e reconstruções de identidade

A fim de elucidar os significados diferenciais da saudade da terra enquanto memória constitutiva da

⁴ A pesquisa de campo foi realizada por Bela Feldman Bianco durante o período em que foi professora titular visitante de Estudos Portugueses na University of Massachusetts Dartmouth junto ao Departamento de Sociologia e Antropologia (1986-1991). Donna Huse colaborou na análise dos testemunhos orais e na primeira redação desse ensaio intitulado *The Construction of Immigrant Identity In THOMAS Joseph (org.) The Portuguese of Southeastern Massachusetts* volume temático de *Peoples and Cultures of Southeastern Massachusetts* n. 6 (no prelo).

⁵ A imigração portuguesa para o sudeste de Massachusetts iniciou-se no século XIX durante a era das expedições baleeiras (retratadas por Melville em *Moby Dick*) que se baseavam numa mão de obra masculina predominantemente oriunda dos Açores e Cabo Verde. Contudo, a imigração em massa de famílias portuguesas (originárias majoritariamente dos Açores e em menor extensão da Madeira e Portugal continental) bem como a formação de enclaves portugueses na região datam do final daquele século. Entre 1880 e 1930 famílias portuguesas juntamente com outros grupos imigrantes (como os ingleses, irlandeses, franco-canadenses e italianos entre outros) radicaram-se na região para suprir a demanda de mão de obra barata para a florescente indústria têxtil. Na década de 1920 os portugueses já eram o grupo étnico predominante do sudeste de Massachusetts. Posteriormente, entre 1960 e 1980, com a implementação nos EUA de novas políticas governamentais privilegiando a imigração em cadeia, novos e sucessivos contin-

(re)construção da identidade ao nível do **eu** justapomos dados provenientes de pesquisa etnográfica aos testemunhos orais e poesias de mulheres sobre as suas experiências migrantes⁴. Baseamo-nos nos testemunhos orais de 15 mulheres nascidas no arquipélago dos Açores que se radicaram juntamente com suas famílias em New Bedford, Fall River ou Tauton - cidades industriais da Nova Inglaterra - cujas populações são formadas majoritariamente por imigrantes portugueses e seus descendentes⁵. Essas mulheres fazem parte de sucessivos contingentes de famílias açorianas que se fixaram na região entre as décadas de 1960 e 1980, período marcado por políticas governamentais norte-americanas de estímulo à migração em cadeia. Suas idades variam dos 20 aos 70 anos e a maioria é de origem rural. Mas independentemente de seu *status* social e educacional na terra natal, aquelas que emigraram já em idade de trabalhar iniciaram a sua vida no sudeste de Massachusetts como operárias. Mesmo aquelas que emigraram quando ainda crianças trabalharam pelo menos em uma determinada fase de suas vidas como operárias nas fábricas da região. Algumas dessas mulheres, principalmente as que emigraram ainda jovens e que tiveram algum tipo de educação escolar nos Estados Unidos, conseguiram deixar o trabalho fabril e galgar carreiras profissionais. Devido ao seu bilinguismo e biculturalismo tornaram-se intermediárias culturais entre os imigrantes portugueses e as instituições americanas, bem como entre Portugal e os Estados Unidos.

Estes testemunhos fazem parte do Projeto de História Oral sobre a Imigração Portuguesa do Sudeste de Massachusetts, cujo acervo é constituído por depoimentos de diversas gerações de mulheres e homens imigrantes e descendentes de imigrantes. Nossa opção em privilegiar neste ensaio as reminiscências de mulheres imigrantes deve-se ao fato de termos observado numa primeira avaliação desse acervo variações de estilos literários entre os testemunhos. Grosso modo, em contraposição às histórias orais de descendentes de imigrantes que (independentemente de diferenciações entre os sexos) se sobressaem por um estilo realista, factual, as dos imigrantes tendem a ser de um romantismo épico⁶. Observam-se, contudo, certas variações nesse romantismo épico migrante demarcadas por gênero, geração, classe social, região de origem, período (histórico) e idade com que se imigra. Por exemplo, as reminiscências de homens que emigraram sozinhos quando ainda crianças tendem a ser narradas em tom de aventura, por outro lado, mesmo que homens e mulheres originários de regiões rurais portuguesas que emigraram já adultos compartilhem experiências semelhantes de imigração e de confronto com o mundo industrial americano, as

gentes imigratonos (dos Açores e em menor extensão de Portugal continental e da África Portuguesa) expandiram e reconstruíram os enclaves portugueses da região através da cultura da saudade. Embora esses novos imigrantes fossem econômica e educacionalmente mais estratificados que os contingentes anteriores, a maioria começou suas vidas na América como operários nas fábricas baseadas no trabalho intensivo (como as de confecções e eletrônicas) que se instalaram na região em um período caracterizado pela reestruturação da desindustrialização americana.

⁶ Enquanto as reminiscências de imigrantes são informadas pela memória (re)inventada da terra natal, os descendentes quando muito relembram as tradições que lhes foram transmitidas pelos seus ancestrais. Nesse sentido, há necessidade de se realizar futuramente uma análise comparativa que leve em consideração a diferenciação entre **memória e tradição**.

⁷ PASSERINE apud DEBOUZY M. In Search of Working Class Memory: some questions and a tentative assessment. In BOURGUET M. N. et al (org.) *History and Anthropology*. Volume temático intitulado *Between Memory and History*, vol 2, 1986, p. 261-282.

⁸ MURPHY R. F. *The Dialectics of Deeds and Words: or anti the ants (and the Ants)*. *Cultural Anthropology*, n. 3 vol 5, 1990, p. 334-335.

⁹ THOMPSON P. *Family Myth Models and Denials in the Shaping of Individual Paths* (mimeo), 1992, p. 25.

narrativas masculinas tendem a ser caracterizadas por um romantismo factual, ao passo que as das mulheres tendem a apresentar uma qualidade lírica. Na medida em que tanto as diferenças quanto as semelhanças textuais são moldadas por significados culturais que emergem de experiências específicas, decidimos iniciar a análise desse acervo pelos testemunhos e poesias de duas gerações de mulheres açorianas, principalmente devido ao seu lirismo mais acentuado. Nesse sentido, muito embora não seja o nosso objetivo aqui examinar diferenças estilísticas de gênero, indicaremos sempre que necessário as diferenças e semelhanças existentes entre as experiências migrantes femininas e masculinas.

Portanto, a nossa opção em focalizar os depoimentos de duas gerações de açorianas representa uma tentativa de compreender como estas imigrantes reinterpretam e reinventam diferencialmente as suas experiências de vida na terra natal no contexto de mudanças dramáticas nas suas condições de existência causadas pela imigração pelo confronto com valores culturais diversos e por eventuais mudanças de posição de classe. Mas, na medida em que simultaneamente as diferenças existem também certas semelhanças nas experiências migrantes no que concerne a mudança de posição de classe e que perpassam a construção de gênero, as memórias dessas mulheres serão contrapostas sempre que necessário aos testemunhos de homens açorianos que emigraram para os Estados Unidos a partir da década de 1960.

Permeadas por silêncios amnésicos, sombras e moldadas por condicionantes múltiplos,⁷ as reminiscências de imigrantes certamente constituem uma mediação simbólica através da qual o significado é construído. Mas em vez de tratá-las meramente como textos, essas memórias e seus significados culturais devem ser interpretados no contexto de atividades sociais, pois como Murphy adverte, na medida em que existe (uma) indissolubilidade entre praxis e pensamento, entre ações e palavras, entre atividades sociais e sua construção cultural () (os) significados precisam também ser testados e moldados na esfera da ação social mundana () (pois é) nesta esfera que damos vazão aos nossos apetites e luxúrias, que trabalhamos e transpiramos e na qual nossa compreensão do mundo precisa ser acomodada às nossas necessidades enquanto seres humanos.⁸

Assim, enquanto reflexões verbalizadas de verdades pessoais e realidade social, as reminiscências de imigrantes narradas a partir de suas experiências específicas na intersecção de culturas constituem reelaborações do passado no contexto de suas realidades do presente. Em suma, um passado ainda ativo (e reinventado) no presente. *Signposts* (indicadores de trajetórias) no dizer de Paul Thompson?⁹

Em nossas tentativas de analisar estas múltiplas reminiscências e seus significados culturais a partir de trajetórias de vida específicas vislumbramos diferenciações fundamentais nas experiências de vidas vividas na intersecção de culturas. Essas diferenciações que perpassam (re)construções de gênero são marcadas principalmente por mudanças de posição de classe e de geração. Essencialmente, mulheres e homens que emigraram já adultos e cujas trajetórias de vida incluem a mudança de atividades voltadas para a lavoura e artesanato na terra natal para o trabalho industrial na América tendem a reconstruir o **eu** fragmentado pela emigração a partir da (re)invenção de representações simbólicas e práticas sociais associadas ao seu passado imediato de trabalho não-industrial. Esta (re)construção do **eu** tende a implicar também a (re)invenção (por vezes exacerbada) de valores culturais associados a gênero que mascaram mudanças nas relações de poder entre homens e mulheres, bem como entre gerações. Em contraposição, mulheres e homens que emigraram ainda jovens e cujas experiências de vida são marcadas pelo confronto com valores culturais diversos e por vezes antagônicos (que lhes foram transmitidos de um lado por tradições familiares e de outro por sua exposição mais direta à sociedade de recepção, principalmente através de seu ingresso nas escolas americanas) tendem a optar por uma identidade americana ou, no caso de transformarem-se em mediadores culturais, a articular suas identidades portuguesa e americana. Como corolário, as mulheres que emigraram ainda jovens tendem a confrontar valores culturais antagônicos em relação à (re)construção do gênero feminino. Enquanto algumas optam por viver vidas paralelas (duplas), outras começam a enfatizar uma nova interpretação de sua experiência na América em termos de crescimento individual e da consciência de seus direitos de mulher.

Como essas diferentes experiências acabam por moldar (re)construções de identidade e de gênero específicas, pretendemos com este ensaio trazer alternativas aos enfoques prevalentes nos Estados Unidos que tendem a categorizar os imigrantes *a priori* como operários ou como grupo étnico, ou então a impor paradigmas feministas enfatizando a dupla jornada de trabalho feminino e as relações de poder entre os sexos¹⁰. Na medida em que não levam em consideração como mulheres e homens imigrantes reinterpretam e simbolizam o seu passado na terra natal no contexto de suas trajetórias de vida entre culturas, grande parte desses estudos deixa de captar as complexidades que envolvem a (re)construção de classe, etnicidade e gênero entre imigrantes. Em contraposição

¹⁰ Este é o caso, por exemplo, de duas monografias relativamente recentes que focalizam imigrantes portugueses radicadas em New England. Cf. LAMPHERE L. *From Working Daughters to Working Mothers: immigrant women in a New England industrial community*. Cornell University Press, 1987. ROSEN E. I. *Bitter Choices: blue collar women in and out of work*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

procuramos entender vidas migrantes a partir da interação entre experiências históricas, condições estruturais e ideologias de seus países de origem e recepção.¹¹ A fim de detectar como esses homens e mulheres reagem a experiência de imigração, inclusive as eventuais mudanças de posição de classe, e como confrontam e reelaboram valores culturais muitas vezes conflitantes em relação a gênero.

Nos enclaves portugueses do sudeste de Massachusetts a reinvenção da memória histórica da era das descobertas molda a construção da etnicidade portuguesa enquanto movimento político coletivo.¹² Em contraposição às memórias pessoais da migração, são constitutivas da reconstrução da identidade ao nível do **eu** ou da pessoa. Nos testemunhos pessoais, a memória histórica de Portugal raramente é mencionada, embora esta memória possa permear ações e interações na vida cotidiana, sobretudo em situações de discriminação. Mesmo para mulheres e homens que ocupam posições de liderança nas comunidades portuguesas da região, as imagens de Portugal que vêm à mente estão enraizadas em sua vida cotidiana anterior à emigração. Acima de tudo, estas memórias pessoais revelam mudanças dramáticas: a decisão de emigrar para os Estados Unidos, o encontro com uma nova cultura e o processo de viver entre - e eventualmente transpor - culturas.

Dessa perspectiva, na análise dessas memórias pessoais, privilegiamos três eventos dramáticos: a decisão de deixar a terra natal, os primeiros anos de fixação nos Estados Unidos e o confronto com a cultura americana e a decisão (ou ambivalência) de permanecer nos Estados Unidos. Estes momentos, lembrados de forma épica, trazem à tona a justaposição de narrativas líricas e realistas, intercaladas pela incessante procura e construção de utopias.

A decisão de emigrar: a utopia da América

A América está presente na vida cotidiana dos Açores, tanto quanto os Açores estão presentes na América. Mulheres e homens imigrantes narram histórias de imigração em cadeia e do constante fluxo de pessoas entre os Açores e a América. Invariavelmente, lembram que um avô ou uma avó, a mãe ou o pai nasceu ou viveu em alguma época na América. A experiência de viver nos Açores é marcada pela constante emigração em cadeia de parentes, amigos e vizinhos para os Estados Unidos (bem como para o Brasil e o Canadá, entre outros países) e abrange a possibilidade de sempre presente de se emigrar.

Alô, como vai? Chegou a minha hora de partir, e a sentença inicial de uma canção migrante que narra como

¹¹ GLICK, SHILLER, N. BASCH, L. e BLANC, SZANTON, C. (ed.) *Towards a Transnational Perspective on Migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. Nova Iorque: New York Academy of Sciences, 1992.

¹² Para uma análise histórica detalhada dos efeitos de políticas governamentais norte-americanas e portuguesas na construção e reconstrução da etnicidade enquanto movimento político coletivo, ver FELDMAN, BIANCO, B. *Multiple Layers of Time and Space: the construction of class, ethnicity and nationalism among portuguese immigrants*. In: GLICK, SHILLER, et al. op. cit. p. 145-174.

a emigração e constitutiva da vida cotidiana no arquipélago. E é a partir desta contínua emigração que uma imagem abstrata da América como terra das oportunidades emerge como uma promessa para o futuro. Tanto para homens quanto para mulheres, a fórmula desta América ainda não vivenciada e simples, resumindo-se a melhores oportunidades de trabalho, dinheiro, escolas.

Se no ato de emigrar a América é transformada em utopia, pronunciamentos sucintos e esparsos demarcam limites à vida nos Açores. Uma operária relembra: *Eu decidi emigrar para a América porque nos Açores não havia futuro para mim. É uma assistente social que reflete sobre sua vida antes da emigração. De certa forma era mais fácil (viver nos Açores) porque lá não tínhamos opções.*

Como as reminiscências de mulheres tendem a estar imbricadas na sua condição feminina, essa ausência de opções pode também estar ligada à construção rígida do gênero feminino¹³. Não por acaso, principalmente aquelas mulheres que trilham carreiras profissionais nos Estados Unidos e tornaram-se mediadoras culturais entre os imigrantes e as instituições americanas percebem a partir de suas experiências específicas de vida entre culturas a construção de gênero feminino nos Açores como sendo fixada por limites inflexíveis.

Todas as meninas sonhavam em ser professoras, mas as possibilidades eram poucas () e nos terminávamos fazendo trabalhos domésticos e trabalhando na lavoura. Então esperávamos casar e iniciar novas vidas. Mas este começo não era nada novo. Tínhamos somente a impressão de começar algo novo. Após o casamento, a vida era a continuação da vida que vivemos com os nossos pais: lavar roupas, cozinhar, limpar a casa, cuidar das galinhas e dos porcos, trabalhar na lavoura ().

Para as mulheres que transgridem os limites rigidamente fixados para as relações de gênero, popularmente simbolizados nos Açores pelo capote e o capelo¹⁴ (representando o resguardo feminino) e a viola (representando a liberdade masculina), a imigração pode também representar desde o momento da partida um escape às sanções sociais.

Relembra uma mulher das camadas médias açorianas: *eu nunca pensei em emigrar, nem nunca sonhei em emigrar. Para muita gente a emigração representa uma vida melhor. Não era o meu caso. Eu tinha uma boa vida lá. Mas eu tinha problemas pessoais (). Já havia sido objeto de escândalo devido à minha gravidez e a um casamento forçado () e eu estava tendo problemas no meu casamento. E como numa pequena ilha todo mundo conhece todo mundo, eu não poderia expor a minha família () éramos muito conhecidos lá. Naquela época (1970) o divórcio não era reconhecido lá. Portanto,*

¹³ Diferentemente das mulheres, os homens raramente mencionam de forma explícita e direta questões relacionadas à construção do gênero masculino.

¹⁴ O capote e o capelo (que relembram as vestes de freiras) simbolizam a castidade das mulheres. Testemunhos orais com frequência trazem a tona histórias de repressão feminina, lembrando recorrentemente que nas pequenas aldeias e cidades açorianas o início de um namoro era considerado prenúncio (e compromisso) de casamento. Como corolário, rompimentos de namoro implicavam a desonra para a mulher (e para a família) e a quase impossibilidade de esta casar-se com outro homem.

estava fora de minhas cogitações Assim julguei que se eu mudasse para outro lugar a vida poderia melhorar

Dados os múltiplos limites para um futuro nos Açores estas mulheres migrantes voltam suas esperanças para um futuro na América E a América embora ainda completamente abstrata brilha com suas promessas materiais e espirituais

O encontro com a América a terra natal transforma-se em utopia

Reações iniciais de chegada a América são variadas mas quase ninguém lembra que a realidade adequou-se aos sonhos Em contraste a natureza parasidiaca açoriana a América industrial surge cinzenta As casas são todas cinzas Eu chego em Boston e tudo é cinza A neblina e cinza os prédios são cinzentos tudo é cinza O que é isto? Limbo

A mudança dos Açores para o sudeste de Massachusetts e particularmente dramática porque implica a emigração de ilheus radicados em zonas rurais e pequenas aldeias para o coração de velhas cidades industriais Em flagrante contraste com o trabalho agrícola e as atividades artesanais e domésticas prevaletentes na terra natal o encontro com a América é marcado pelo confronto com os ritmos da produção e do consumo em massa do capitalismo industrial

Acima de tudo independentemente da idade ou da classe social as memórias de mulheres e homens imigrantes refletem suas experiências e percepções de diferentes ritmos e significados de tempo trabalho e vida nos Açores e na América¹⁵ Embora nos Açores algumas destas mulheres tenham aprendido a trabalhar arduamente seu trabalho obedecia a ritmos mais naturais (os ritmos do serviço doméstico e das tarefas agrícolas ou artesanais) Principalmente para aquelas que ingressaram no mercado de trabalho industrial o confronto com a disciplina do tempo industrial permanece vivido Recordo A C uma mulher originária das camadas médias da Ilha Terceira que nunca havia trabalhado antes em sua vida

Eu cheguei aos States numa 6ª feira e na segunda comecei a trabalhar em uma fábrica Eu nunca tinha visto uma fábrica em toda a minha vida e acredite pensei que estivesse em um campo de concentração Você precisa ser uma imigrante para saber o sentimento real! Aquilo era *piece work*! Eu não sabia como operar aquela *machine* Imagine quando me disseram que eu deveria fazer 600 mangas por dia em pares Aquilo significava 1200 mangas Eu pensei que fosse morrer! () E eu não gostava de ouvir os *bossas* dizendo-me que eu deveria trabalhar rápido cada vez mais rápido para produzir mais Eu nem queria estar lá

¹⁵ Thompson E P Time
Work Discipline and Industrial
Capitalism *Past and Present*
nº 38 dezembro 1966

O dia da mulher imigrante começa as 4h30 da manhã preparando o café para a família para pegar o turno das 7 h. Alguns membros da família trabalham também no segundo turno. Mulheres e maridos geralmente trabalham em turnos diferentes. Como o trabalho industrial acaba por dominar a vida, as imagens que emergem são tão cinzentas quanto as primeiras reações sensoriais à América. Assim, uma mulher lembra que durante os meses de inverno nunca viu a luz do dia. Outra afirma que a sua vida na América "tem sido somente trabalho. Daí segue-se uma crônica característica dos primeiros anos na América: não falam o inglês, mudam-se de casa em casa, mudam de emprego, são discriminadas - muitas vezes pela própria comunidade portuguesa.

Os primeiros anos dessas açorianas nos EUA são descritos frequentemente em narrativas que acentuam o efeito da imigração e do tempo industrial na organização de suas vidas. Nossa primeira decisão foi procurar trabalho () rapidamente encontramos emprego na Columbia Cable () meu marido e eu começamos a trabalhar em turnos diferentes. Meu marido trabalhava durante o dia e eu a noite. Então matriculei meus filhos na escola e na igreja e eu comecei a estudar inglês cinco dias por semana das 9 as 12 horas. A vida não era fácil e eu não tenho vergonha de contar que chorava muito. Estava decepcionada, nervosa porque a vida era tão difícil e eu tive que fazer tantos sacrifícios para tomar conta dos quatro filhos: cozinhar, estudar o inglês e trabalhar das 3h30 da tarde até a meia noite.

Mulheres e homens migrantes percebem suas tarefas automatizadas orientadas para a produtividade como um tipo de escravidão branca.¹⁶ Não por acaso operárias portuguesas de uma indústria de confecções baseada no trabalho intensivo, ao serem solicitadas a descrever suas tarefas, imediatamente e jocosamente começaram a imitar umas as outras com gestos e movimentos rápidos e automatizados semelhantes aos dos robôs.¹⁷ Desse confronto com o trabalho fabril surgem poemas que trazem uma dimensão humana à interligação repetitiva e monótona entre corpo e máquina.

Este é o caso de Terceiro Turno de Maria Lida Gomes Lourenço, uma imigrante da Ilha Terceira que apenas após tornar-se operária na América já que lá (nos Açores) não escrevia nada. Lá sentia-se feliz!¹⁸

Entre paredes austeras
Parecendo o roncar das feras
Das máquinas a trabalhar (ih you yeh oh yeh yeh)
E ainda a sorte me diz
Conforma-te que es feliz
Por teres este lugar

¹⁶ As reminiscências e experiências de mulheres e homens migrantes corroboram as afirmações de M. Debouzy de que operários industriais tendem a lembrar mais fortemente a disciplina do trabalho industrial do que as transformações do processo de trabalho por se. What remains is the memory of the pressures put on them by foremen and engineers to increase productivity. What survives is the callousness of hierarchical relationships, the intolerable brutality of working conditions in a word, the tyranny of productivity and their efforts to resist it. DEBOUZY M. op cit p. 268.

¹⁷ Ainda segundo M. Debouzy (op cit p. 267). Work is central and every gesture (work habit, *tour de main* and *savoir faire*) is inscribed in the worker's body. In many ways his (and her) body is the conservatory of the past so that some scholars speak of *la mémoire du corps*.

¹⁸ Apud CAPINHA, G. Literatura e Imigração: poetas emigrantes nos estados de Massachusetts e Rhode Island. In Santos Boaventura de Sousa (org.) *Portugal, um retrato singular*. Porto: Edições Afrontamento/Centro de Estudos Sociais, 1993, p. 515-553.

Na leva dos desgraçados
que por máquinas vigiados
passam horas de tortura (ih you yeh oh yeh yeh)
o meu corpo esta presente
esta aqui porque sente
da miséria a amargura

E no inverno da vida
já de cabeça pendida
Pro chão que vai ser meu leito (ih you yeh oh yeh yeh)
A vida vai fenecendo
O patrão enriquecendo
Não importa de que jeito

Nestes versos que escrevo
A dizer tanto me atrevo
Pois cá dentro já não cabe (ih you yeh oh yeh yeh)
Desabafar me faz bem
Não incomoda ninguém
So o papel é que sabe

Em reação as suas experiências específicas de vida e trabalho nas cidades industriais do sudeste de Massachusetts esses homens e mulheres imigrantes reconstróem imagens utópicas dos Açores. Similares as descrições literárias da vida pastoral e rural utilizadas por Raymond Williams em *The Country and the City* estas imagens trazem a tona uma nostalgia romântica ou saudade da terra de um tempo atemporal da infância ou da juventude. Em algumas narrativas esse bem conhecido costume de se utilizar o passado os bons tempos de outrora como um pretexto para se lidar com o presente¹⁹ e consciente. Assim M. G. uma mulher cuja experiência de imigração é marcada por sua vivência fragmentada entre o Brasil (onde mora o marido italiano que não se adaptou aos Estados Unidos) e a América (onde trabalhou até recentemente como operária e onde seus filhos pretendem continuar vivendo) assim reflete sobre o significado da saudade da terra em sua vida. Eu saí de São Miguel há 40 anos imigrando primeiro em 1949 para o Brasil e mais tarde em 1972 para Fall River. Lembro sempre da despedida. Eu tinha a impressão de que nunca retornaria e de fato nunca retornei. Então tento recordar a minha infância trazendo a memória tudo o que aconteceu como se fosse uma imagem ampliada em uma tela.

O centro desta imagem ampliada ou o espaço (poético) da memória e da imaginação no dizer de Bachelard²⁰ pode ser simplesmente a casa da infância.

¹⁹ Williams R. *The Country and the City* Oxford: Oxford University Press 1973 p. 12

²⁰ BACHELARD G. *The Poetics of Space* Boston: s.ed. 1964

se eu fosse descrever minha casa para você. Era um sonho, um paraíso. Eu acordava pela manhã com o sol nascendo ao leste. Tínhamos uma varanda muito alta de onde podíamos ver ao longe uma pequena ilha () a vista era absolutamente fantástica. Mais ao leste () podíamos ver o oceano bem em frente da casa. E ao norte da casa, as montanhas (). Assim, eu tinha tudo. E na parte traseira da casa via-se o pôr do sol. Eu podia ver tudo aquilo () e era tão bonito.

Nestas reminiscências nostálgicas de um tempo atemporal da infância e/ou juventude nas zonas rurais e pequenas aldeias dos Açores desaparecem as abstrações sobre a América e a memória autobiográfica feminina expande e pulsa de forma lírica. As ilhas surgem na memória das imigrantes para serem vistas, sentidas e tocadas, e algumas narrativas soam como um poema ditado pelas sensações. Lembra M. P., uma assistente social que emigrou para os Estados Unidos aos 14 anos de idade: "Do que eu mais gostava (nos Açores) era olhar através das parreiras, os padrões que as folhas desenhavam no céu. Eu costumava dizer: 'Meu Deus, isto é absolutamente fantástico, as cores bonitas, o céu azul, aquelas nuvens infladas e a tonalidade verde das folhas verdes'. Quando o vento batia nas folhas, um novo desenho aparecia no céu. Então eu tentava inclinar-me para apanhar um raio de sol através das folhas, só para ver quanto sol eu podia apanhar."

Para algumas, não para todas, estas novas imagens emergem de uma nostalgia romântica de um tempo em que o tempo não contava. De fato, principalmente homens e mulheres cuja história de imigração abrange a transição de atividades pre-industriais orientadas pela tarefa em Portugal para o trabalho industrial na América, desenvolvem uma nostalgia romântica de seu passado imediato de trabalho não industrial. Esta saudade da terra tende a estar ausente nos testemunhos daquelas que viviam em extrema miséria antes de emigrar, bem como daquelas imigrantes que conseguiram deixar o trabalho fabril e tornaram-se mulheres de negócios nos Estados Unidos. Assim, não por acaso, as reconstruções mais líricas do passado anterior à emigração estão principalmente presentes no discurso de operárias de origem rural que trabalhavam (e gostavam de trabalhar) nas lavouras de suas famílias. Numa explosão de memórias sensoriais, estas mulheres lembram como o trabalho agrícola estava interrelacionado com a sociabilidade e as dimensões estéticas da vida.

Era uma alegria trabalhar nos campos, especialmente se eramos um bando de moças. Algumas vezes cantávamos. Noutras, simplesmente ríamos de qualquer coisa. A vida era mais alegre.

Em contraste com suas experiências como operárias na América estas mulheres relembram também os ritmos de tempo do trabalho não-industrial. Podíamos ouvir os rapazes cantando ou assobiando enquanto trabalhavam na lavoura. Era o som de um novo dia gente cantando. Tínhamos que trabalhar arduamente mas eu sinto saudade daquelas caminhadas pela manhã e do cheiro de ar puro que era uma mistura de relva molhada, faia e incenso.

Embora desenvolvam também uma nostalgia romântica de um tempo de trabalho não-industrial as memórias masculinas tendem a enfatizar mais diretamente e com maior objetividade as diferenças entre as tarefas voltadas para a lavoura e o trabalho industrial. B. S., um operário de 46 anos que diz ter crescido dentro das plantas, narra suas experiências com a transição para o trabalho fabril:

Para ser franco eu vou dizer eu até tive ocasiões em que fiquei sentado na cama sozinho as lágrimas corriam-me porque eu saí de lá era solteiro estava adaptado lá. E então tinha uma vida mais ou menos folgada. Custou-me a adaptar de uma vida para outra. *Well* custou custou porque a lavoura era uma coisa. Primeiro porque a gente lá não tinha o hábito de trabalhar rápido como aqui. Segundo que eu trabalhei sempre nunca trabalhei pra pessoas de fora. Nunca dei dias fora era sempre por nossa conta se eu queria parar pois eu parava eu ia para um sítio qualquer para o trabalho () e se encontrava um amigo e a gente queria conversar conversava um pouco e não tinha problemas de estar ninguém atrás de mim () Quando cheguei aqui é claro que fiquei debaixo dos **bossas** porque a gente tem que trabalhar e tem que estar aquelas oito horas abaixo do trabalho.

Esta nostalgia romântica de um passado imediato quando o trabalho se entrelaçava com as múltiplas dimensões da interação social proporciona significado as vidas marcadas por mudanças abruptas. Ao mesmo tempo em que representa uma estratégia para resistir a imersão total no tempo industrial a saudade da terra fornece a base para a reconstrução do **eu** na intersecção de culturas. Não é por acaso que estes imigrantes tendem a relembrar somente os aspectos benéficos de suas vidas antes da emigração²¹.

E se da dolorosa experiência com a disciplina do tempo industrial brotam poemas realistas retratando o cotidiano da fábrica no contexto desta mesma experiência a terra natal transforma-se em utopia. O poema nostálgico de Ana Maria Franco, sugestivamente intitulado *Para Matar a Saudade*, retrata como o imaginário da infância o sentir da infância transforma-se numa idealização

²¹ SCOTT J. C. *Weapons of the Poor*. Yale: Yale University Press, 1985.

do passado rural na terra natal²². Ao mesmo tempo mostra como esta construção utópica dos Açores pode provocar também a negação das imagens abstratas sobre a América que impulsionaram estas mulheres a emigrar

Para matar a saudade
Ai como eu queria agora
Voltar aos tempos de outrora
Rever a linda terra onde nasci

Sentar-me a beira-mar
Voltar a ver o Ze a pescar
Velhinho sempre a sorrir

Ai como eu queria agora
Tornar a ver os amigos
E como criança brincar

Não importa ser pobrezinho
Basta apenas amor e carinho
Pra sermos felizes e amar

Como eu queria nesse instante
Ver os verdes campos como antes
Oh! como é bom sonhar

Sonha sempre até o dia
Em que possas lá voltar
Acordada sonhei e consegui

A matar a saudade
Que queira me matar
Sonha e conseguiras
Em tua terra pisar

²³ Esta reconstrução utópica e expressa também nas memórias de algumas (não todas) mediadoras culturais

Esta reconstrução utópica dos Açores expressa principalmente (mas não somente)²³ nos poemas e testemunhos líricos de lavradoras e artesãs sobre a sua chegada à América e seu confronto com o trabalho industrial traz à tona uma memória seletiva cuja estrutura de sentimentos é significativa e indispensável como resposta a uma deformação social específica () em um mundo onde o modo de produção dominante e as relações sociais ensinam imprimem e propõem-se a tornar normais e mesmo rígidos modos de percepção externa separada e fragmentada modos de usar e consumir mais do que de aceitação e de prazer de pessoas e coisas () (Por isso) não é tanto a aldeia ou a vereda de outrora que são significativas Mas sim a percepção e afirmação de um mundo onde não se é necessariamente um estrangeiro e um instrumento mas do

qual e possível ser um membro um explorador numa fonte de vida compartilhada ²⁴

Do entrecruzamento destas múltiplas memórias migrantes sobre o confronto com a América emerge uma memória em comum que revela a dimensão humana de um tempo de trabalho não-industrial. Mais do que uma romantização do passado ou uma mera operação fragmentada do lembrar esta memória coletiva relaciona-se diretamente as labutas dessas mulheres e homens nos Estados Unidos. Ao narrarem seus primeiros e arduos tempos na América e a sua transformação em trabalhadoras industriais principalmente aquelas lavradoras e artesãs que se tornaram proletárias após emigrar tendem a lembrar de forma lírica e sensorial somente aqueles aspectos benéficos da terra natal que gostariam de ver restaurados ou restituídos esquecendo-se agora das múltiplas limitações a vida nos Açores que as fizeram partir em busca da utopia americana.

“Upstairs, downstairs” (re)construções de gênero feminino em vidas vividas entre as utopias americana e açoriana

No processo de viver na intersecção de culturas mulheres e homens persistem em concretizar o seu sonho americano. A custa do sobretrabalho dispõem-se com seus filhos a conseguir acesso a pelo menos uma parcela da **utopia americana** que no mais das vezes e simbolizada pela aquisição de casa própria bens de consumo americanos e a possibilidade de propiciar um **futuro** aos seus filhos.

Nessa vivência entre culturas a aquisição de casa própria permite-lhes justapor simbolicamente a América e os Açores enquanto utopias. Se a casa da infância e o espaço onde a memória e a imaginação permanecem associadas () refendo os tesouros do passado ²⁵ a casa própria equivale ao espaço da realização do mito da imigração. Assim invariavelmente no espaço privado destas casas imigrantes o *upstairs* (andar superior) tende a concentrar símbolos do consumo americano representando a realização de pelo menos parcelas do sonho americano. Em contraste o *downstairs* (terreo) incluindo o quintal representa a (re)construção da memória (utópica) da vida vivida nas aldeias e cidades açorianas.

Nesse *downstairs* mulheres e homens de origem rural traduzem sua saudade da terra em práticas sociais associadas ao seu passado de trabalho não-industrial. Enquanto (principalmente) os homens dedicam-se ao plantio de hortas ao fazer do vinho e a criação de aves e animais as mulheres entretêm-se com a costura o bordado e a culinária portuguesa (atividades que nos Açores implicavam o aprendizado do papel feminino).

²⁵ BACHELARD apud HARVEY D. *The Condition of Postmodernity* Oxford Basil Blackwell 1989 p 217 18

Mas se o acesso a um quintal permite aos homens reconstruírem as práticas sociais da terra natal na América o envolvimento de mulheres com costuras e bordados esta intimamente ligado aos ciclos do grupo doméstico e sobretudo a liberação de suas lides com filhos pequenos. Nesse contexto deve-se salientar que ao invés da linguagem verbal os homens diferentemente das mulheres (cujas narrativas como vimos trazem a tona lírica e sensorialmente memórias seletivas dos Açores) extravasam agora (também lírica e sensorialmente) sua nostalgia romântica da terra natal mediante o seu contato com as plantas as verduras e o fazer do vinho. B. S. um lavrador açoriano que trabalha numa indústria de confecções baseada no trabalho intensivo assim fala sobre o significado dessas práticas sociais em sua vida cotidiana nos Estados Unidos

Sempre tive essa tendência () depois então de comprar a casa que (comecei) a envolver nisso (cultivo de hortas fazer do vinho e criação de coelhos e galinhas) e que tenho esquecido mais (os Açores). Vou para o trabalho aquelas oito horas mas também ao mesmo tempo quando está chegando a tarde já estou pensando em () vir pra aqui () Se não tivesse aqui o *yard* e as coisas que tenho e (com as quais) gosto de me entreter parece-me que estava mais aborrecido. Quando acabasse o trabalho (na fábrica) chegasse as três e meia e não tinha nada nem um pensamento () Mas assim com isto () estou satisfeito

Se esses homens e mulheres transformam-se em proletários durante o turno de trabalho fabril em seu tempo livre continuam a ser lavradores e artesãos. Esta duplicidade em suas vidas resultante da separação entre o tempo disciplinado do trabalho industrial e a reinvenção (em seu tempo livre) de atividades marcadas por um tempo natural permite-lhes reconstruir o **eu** fragmentado pela imigração e a sua condição de classe bem como as relações de gênero prevaletentes anteriormente a emigração

A duplicidade na organização do espaço e do tempo da casa imigrante intimamente imbricada em processos de reprodução e transformação das relações sociais () revela (também) relações de gênero e de idade.²⁶ Neste sentido a reconstrução de papéis e de relações de gênero só pode ser entendida no contexto da experiência de imigração que abrange o confronto com valores culturais diversos (inclusive o confronto com o tempo disciplinado do capitalismo industrial) e mudanças efetivas nas relações de poder entre os cônjuges bem como entre gerações. Estas mudanças são consequência de um lado do ingresso da mulher no mercado de trabalho industrial o que a coloca em uma situação

²⁶ HARVEY D. op. cit. p. 218

profissional equivalente ou superior a do marido e de outro da crescente dependência de pais que não falam o inglês da intermediação de seus filhos bilingues no contato com as instituições americanas. Enquanto na terra natal as decisões familiares eram recorrentemente de responsabilidade de maridos e pais e as tarefas domésticas constituíam primordialmente encargos femininos a experiência imigratória e a transformação da mulher em operária assalariada implicaram uma divisão de trabalho doméstico entre homens e mulheres e a diminuição - e em alguns casos perda - da autoridade do chefe da família. Como por via de regra as decisões familiares passam a ser feitas conjuntamente por maridos e esposas e (em muitos casos) seus filhos essa reconstrução de gênero so pode ser captada considerando-se o contexto familiar.

A (re)invenção de tempos e espaços açorianos no cotidiano americano mascara estas mudanças nas relações de poder na casa imigrante. Esta (re)invenção permite a homens e mulheres recriarem e afirmarem por vezes de forma exacerbada os valores culturais associados a (re)construção do gênero feminino. E são principalmente as mulheres mais velhas que funcionam como árbitros mais extremos dos valores morais constantemente reafirmados pela Igreja Católica tradicional e que eram recorrentemente transmitidos de mães para filhas pelo menos até a Revolução dos Cravos e a posterior aceleração de mudanças sociais nos Açores. Estes valores tradicionais alimentam a crítica à emancipação da mulher no contexto americano.

Além de terem sido educadas desde crianças a aceitar (ou pelo menos a dissimular que aceitam) sua submissão à autoridade masculina e a diferenciarem-se das Madalenas pecadoras estas imigrantes foram também submetidas a um aprendizado em prendas domésticas (como cozinhar, limpar, bordar, costurar e fazer renda) associado à construção da mulher virtuosa e à demarcação rígida entre os papéis feminino e masculino.²⁷ Quando em face das mudanças dramáticas nas suas condições de existência causadas pela imigração e pela inserção no mercado de trabalho industrial essas mulheres reterritorializam-se aos modos de vida açorianos tendem também a reafirmar esses valores culturais associados à construção de gênero que lhes foram transmitidos através de gerações. Como corolário desenvolvem estratégias de poder (tradicional) em suas relações com seus cônjuges que as permitem dissimular o enfraquecimento da autoridade masculina. Ao mesmo tempo juntamente com os seus maridos tentam inculcar esses mesmos valores nos seus filhos e (principalmente) filhas como forma de controle social.

Entretanto apesar das tentativas de mascarar a

²⁷ Uma jovem imigrante relembra essa construção do gênero feminino nos Açores. Havia certas expectativas em relação a uma menina: ir à escola, aprender as tradições, ficar em casa com a mãe após a escola, aprender a cozinhar, limpar a casa e todos os tipos de trabalho doméstico. Esperavam que eu ficasse dentro de casa.

transformação das relações sociais a organização espacial e temporal das casas imigrantes e dinâmica e permeada por conflitos entre gerações. Se de um lado o processo de reterritorialização permite a essas mulheres e homens imigrantes recriarem os modos de vida açorianos e assim reelaborarem o **eu** fragmentado pela imigração por outro os seus filhos e filhas expostos a experiências e valores culturais diversos trazem constantemente o cotidiano da América para dentro de casa.

²⁸ THOMPSON P. op. cit. p. 25

Neste sentido, como sugere Thompson²⁸, "o lugar comum () que o que somos e o que nos tornamos tanto socialmente quanto pessoalmente está arraigado em nossas famílias e contudo também - para alguns mais decisivamente e para outros menos decisivamente - distinto das mesmas. Portanto não é por acaso que homens e mulheres que emigraram ainda crianças e cujas experiências de vida são perpassadas por exposição simultânea a valores culturais diversos e (por vezes) antagônicos relembram de forma dramática o choque de culturas. E F, que emigrou aos 12 anos de idade elabora assim a fragmentação do **eu** no contexto de suas experiências de vida entre culturas. Se você emigra numa idade quando já adquiriu uma certa compreensão de sua cultura original e tem que aprender um conjunto de regras totalmente novo e uma língua diferente, chega um ponto que você não sabe mais quem você é!"

Embora muitos desses jovens ainda relembram a dimensão lúdica de sua infância nos Açores e (aqueles que chegaram a trabalhar em fábricas locais) contem histórias realistas da robotização do trabalho industrial, as suas memórias mais marcantes de seus primeiros tempos na América estão ligadas às experiências de discriminação e preconceito social a que foram submetidos nas escolas americanas. Lembra M. T. que emigrou aos 12 anos de idade. Fui para a escola uma semana após a minha chegada (). Até os meus amigos portugueses não queriam associar-se a mim porque eu era uma recém-chegada. Para eles eu era uma *greenhorn*. E (mais tarde) na escola pública as crianças sabendo muito bem que tínhamos sotaque que éramos portugueses nos consideravam intrusos no seu sistema. Caçoavam da gente. Se trazíamos um sanduíche de linguiça ou algo parecido caçoavam da gente. Também caçoavam de nossa roupa porque não tínhamos roupa nova ou roupa da moda.

Mas se as suas vidas são marcadas desde cedo pela perplexidade com a nova cultura e a solidão de suas experiências imigrantes, progressivamente ao aprenderem a nova língua e as novas regras, esses meninos e meninas inserem-se através de atividades escolares e novas amizades no *milieu* americano.

A maioria das crianças não podia entender a minha experiência como imigrante. A certa altura literalmente isolei-me. Mas muitos dos meus amigos (portugueses) resolveram entrar totalmente no sistema. Eventualmente fiz o mesmo. Se você não fizesse isto ninguém iria associar-se com você.

Ao mesmo tempo confrontam-se em casa com valores familiares transmitidos através de gerações de um tempo **suspense** anterior a emigração demarcando rigidamente papéis de gênero. Principalmente as mulheres que emigraram quando ainda crianças ou muito jovens relembram constantemente o controle exercido pelos pais limitando a sua inserção no novo *milieu*²⁹.

Meus pais eram muito severos () Eu não podia namorar não podia sair com rapazes () Eu não podia sair à noite nem ir a eventos organizados pela escola. Era um só não () Os meus anos de adolescência foram muito difíceis porque tudo era proibido () Eu não podia aprender a andar de bicicleta porque não era coisa de mulher. Eu não podia usar calças compridas porque era coisa de homem. Por muito tempo não me deixaram usar batom.

As experiências dessas jovens imigrantes e descendentes de imigrantes vão variar de acordo com o período de imigração e sua própria posição na família. Lembra ainda M. T. Eu não podia fazer isto eu não podia fazer aquilo () porque meus pais estavam literalmente vivendo em dois mundos. Isto era a América mas eles estavam me educando da forma que sabiam. Naturalmente tentando ser boa filha eu obedecia () Mas não era bom. Eu deveria ter sido um pouco mais rebelde () Minha irmã (mais nova) era totalmente diferente. Ela saía contra a vontade de meus pais muito embora houvesse muitas brigas. Ela tinha amigos e ficava fora de casa até as 7 ou 8 da noite o que não me era permitido. E meu irmão então. Ele podia fazer tudo que quisesse. Mas ele era um menino e com ele a história era totalmente diferente.

Se o ingresso no mercado de trabalho fabril potencialmente modifica as relações de poder entre os sexos e aquelas mulheres que se transformaram em operárias tendem a re(contruir) relações de gênero de um tempo anterior a emigração e assim camuflar possíveis conflitos. Filhas e filhos que desempenham intermediação cultural entre seus pais e as instituições americanas são desde cedo expostas às alterações de papéis e de poder no âmbito familiar.

Chegando aqui como filha mais velha transformei-me no porta-voz da família. Você vai ao médico e recebe informações que não deveria ouvir ou saber. Você tem que traduzir assuntos financeiros para todos os tipos de problemas com os quais você como adolescen-

²⁹ Embora também sintam e relembrem de forma dramática o choque de culturas e a discriminação nas escolas os homens referem-se menos do que as mulheres às questões de gênero. Quando abordam estas questões enfatizam principalmente o controle exercido pelos pais no sentido de casarem-se com portuguesas.

te ou menina não deveria se preocupar. Como filha isto deixa você numa situação horrível. Eu sentia que era a única pessoa da qual eles podiam depender porque eu falava inglês. Literalmente eu estava no controle. Somente eu sabia os dois lados da história () Eu não gostava de estar naquela situação! () (Antes de emigrar) meu pai era o *boss* aquele que controlava tudo. Agora ele tem que delegar algumas de suas responsabilidades para mim. Eu não gosto mas tenho que tratar do banco das contas da prestação da casa () Tenho que cuidar disto porque ele não sabe escrever os números ou escrever em inglês ou ele não sabe como fazer.

Mas diante das responsabilidades assumidas perante a família e no contexto das alterações nas relações de poder entre gerações algumas jovens mulheres conseguem muitas vezes desafiar a (re)construção da tradição como por exemplo no que se refere a escolha dos cônjuges³⁰

Meu pai adoraria escolher alguém para casar comigo e (de fato) ele tentou. E ele deixou de falar comigo por um ano e meio porque eu não disse sim. Mas eu simplesmente disse não eu não vou transformar-me em um passaporte () Eu tinha 15 anos e aquele rapaz dos Açores viu uma fotografia minha e decidiu que me amava. Eu enviei uma carta (para ele) explicando que não podia. Eu tinha um compromisso (comigo) que era o de pelo menos terminar o colegio e continuar os estudos se pudesse () Mas ele (o pai) tinha que entender que era eu quem iria casar. E que seria da minha escolha.

Apresentando a traduzir códigos culturais diversos estas mulheres tomam-se também mediadoras no âmbito familiar amenizando conflitos entre seus pais e irmãos e irmãs menores. Este papel é recorrentemente desempenhado por E. F.

Um dia a minha irmã (mais nova) resolveu fugir de casa com uma amiga muito rebelde. Em Portugal quando uma menina de 16 anos foge só pode ser por uma razão para estar com o seu namorado. Meus pais não queriam aceitar a sua fuga () e a primeira reação foi a de considera-la louca. Eu mesma nunca julguei que ela fosse tão vulnerável aos seus amigos! Então percebi que tinha que trazer os dois lados para uma conversa. Tentei saber o que havia acontecido e tentei explicar aos meus pais como eram os adolescentes neste país () e que às vezes eles têm que fazer certas coisas para ter uma ideia sobre que direção querem tomar. Eu tive que acalmar os meus pais e fazê-los perceber que ela não era uma má menina e que ela não estava fazendo coisas loucas () Foi então que comecei a entender o que é a comunicação. Como através da comunicação pode-se resolver e até prevenir problemas. Foi então que eu entrei como uma mediadora e eu (já) fiz isto com meus irmãos também!

³⁰ No contexto americano pais imigrantes reelaboram a tradição açoriana em suas tentativas de selecionar o cônjuge de suas filhas e filhos. Dado que até o final da década de 1980 a política americana privilegiava a imigração em cadeia o casamento com imigrantes constituía uma estratégia para facilitar a emigração de moças e rapazes da terra natal. Mediante esta estratégia pais imigrantes tendem a favorecer o casamento de suas filhas e filhos com rapazes e moças da terra natal. Entretanto devido a diferença de experiências muitos destes casamentos terminam em divórcios.

Ao mesmo tempo em que amenizam os conflitos entre seus irmãos e irmãs mais jovens e seus pais essas jovens mulheres vêem-se também forçadas a contestar as expectativas de seus pais maridos e patrões vinculadas a construção tradicional de gênero feminino. Não por acaso aquelas que conseguem continuar os seus estudos e deixar o trabalho fabril escolhem profissões que implicam a continuidade de suas experiências de intermediação cultural entre seus pais e as instituições americanas. Assim ao tornarem-se assistentes sociais professoras bibliotecárias e interpretes além de mudar de posição de classe essas mulheres (e em menor extensão homens) passam a desempenhar a intermediação entre a população imigrante e a sociedade americana. Paradoxalmente dada a política multicultural prevalecente nos Estados Unidos ao mesmo tempo em que ajudam a população imigrante a entender e aceitar códigos culturais diversos e dessa forma a ajustar-se a sociedade americana tornam-se ativas na politização da identidade étnica portuguesa.

Mas como mitos familiares modelos e contradições transmitidos em um sistema familiar proporcionam a maioria das pessoas o contexto a partir do qual escolhas cruciais de vida precisam ser feitas impulsionando-as em suas próprias trajetórias de vida individual³¹ membros dessa geração mais jovem tendem a fazer opções diversas de acordo com a sua posição na família. Expostas a experiências contraditórias e conflituosas exacerbadas pela imigração e pela vivência entre culturas muitos optam por romper com as tradições familiares por viver tão somente no *milieu* americano e (re)construir tão-somente uma identidade americana. Outros conformam-se as pressões familiares e tendem a reproduzir com maior ou menor intensidade as tradições que lhes foram transmitidas através de gerações. Outros ainda principalmente as mulheres que desempenham intermediação cultural entre seus pais e as instituições americanas tendem a viver vidas duplas e paralelas - uma no âmbito doméstico e comunitário inserida no mundo português e outra enquanto membros da sociedade americana.

A continua (re)construção da identidade na América

Os significados criados por imigrantes para as suas experiências continuam a se desenrolar no contexto de suas trajetórias de vida na intersecção de culturas. Assim muitas daquelas lavradoras e artesãs que emigraram já adultas e tornaram-se operárias nos Estados Unidos ao conseguirem preencher algumas das condições do sonho americano - casa própria educação dos filhos carreira e por vezes o domínio do inglês - dão voz a um novo tipo de satisfação expresso agora em um estilo realista

³¹ THOMPSON P. op cit p 25

Meus filhos já terminaram o serviço militar (nos Estados Unidos) já estão casados com ótimas raparigas. Eu já tenho uma neta que é um amor e () que já está aprendendo o português. Estamos agora preparando o casamento de minha filha que está também terminando a universidade () E eu vou rezar a Deus para que ela seja uma boa esposa e mãe para os seus filhos () A minha missão como mãe está mais ou menos terminada, pois eu fiz tudo o que pude por eles.

Concomitantemente a continua (re)construção de representações simbólicas e práticas sociais associadas à terra natal, essas mulheres, por mais que desgostem de seu trabalho fabril, passam também a apreciar sua independência econômica. Muitas, influenciadas por suas filhas, começam progressivamente a aceitar estilos de vida americanos. Ao mesmo tempo, enquanto operárias na América, mobilizam-se juntamente com os seus maridos, por aumentos (ou contra reduções) de salários e contra a discriminação (sem distinções de gênero) aos imigrantes. E levando-se em consideração as conquistas alcançadas, muitas dessas mulheres diferentemente de seus maridos (que no decorrer de suas trajetórias de vida tendem a continuar mais apegados aos modos de vida açorianos) tendem a abdicar de seu sonho de regresso à terra natal.

Outras mulheres passam a avaliar o significado de suas experiências na América no contexto de uma ideologia que define não tanto o sucesso material, mas a evolução do eu, independência, um sentido de competência e autodeterminação. Uma líder sindicalista menciona que a sua vida nos Estados Unidos sempre foi marcada por um trabalho árduo e contínuo. Entretanto, apesar do preço, ela define sua passagem entre culturas:

Eu não mudaria a minha vida agora. Eu aprendi muito neste país. Eu aprendi muito sobre mim. Eu gosto de trabalhar e eu aprendi a ser independente. Levou muito tempo para o meu marido aceitar isto. Eu aprendi que uma mulher tem os seus direitos. Eu tenho agora muita autoconfiança. Eu falo mais abertamente, principalmente devido ao meu trabalho no sindicato. Eu participo de conferências, vou a muitas reuniões e tenho contato com a mídia. Eu aprendi a ter mais confiança em mim mesma.

Aquelas que trabalharam formaram famílias, construíram suas casas e, em alguns casos, galgaram posições de autoridade no comércio, sindicatos e política, apreciam este novo sentimento de autodeterminação. Segundo uma das entrevistadas, aprende-se a construir o nosso mundo () neste país. O poder individual para construir um mundo pessoal e, para algumas, compensação suficiente para a perda de uma conexão espiritual com a natureza e a comunidade. Outras mulheres, entretanto, continuam a viver entre culturas. Afirma E. F.

(Vivendo) em duas culturas eu sempre tento manter uma balança. Não sei se e simplesmente por ser Libra mas balança e a minha palavra predileta. Eu tento sempre manter uma balança entre duas culturas porque meus pais podem também aprender algo destes dois modos (de vida). Também assim eu posso crescer em diferentes direções. Não e fácil! Eu passei por um periodo quando eu não tinha certeza alguma sobre qual direção deveria seguir! Julgo que estou agora num ponto em que posso focalizar em qualquer uma das duas (culturas) e sinto-me OK () Não tenho problemas agora

Para muitas das jovens imigrantes que se tornaram mediadoras culturais entre os imigrantes e as instituições americanas a reconstrução de suas identidades pessoais reside justamente na junção de suas vivências portuguesa e americana. Se tradicionalmente a virtude da mulher (açoriana) esta no sofrer ³² em contraposição para essas imigrantes o biculturalismo e o bilinguismo transformam-se na base de seu crescimento individual bem como de seus sonhos de libertação no que tange a masculinização da vida e do estatuto social ³³ pois como Manoela Costa canta em *Os Sonhos de Dona Dôres*

Eu tenho duas culturas
e duas linguas
Dois caminhos para escolher
A virtude da mulher esta no crescer

³² COSTA M. *Os Sonhos de Dona Dôres*. Gabinete de Informação e Apoio as Comunidades Açorianas s l 1993 p 76

³³ *Ibidem*

E nesse sentido que M. P. pensa sobre o seu crescimento individual no contexto de sua trajetória de vida entre os Açores e os Estados Unidos. Julgo que a coisa mais importante na minha vida e descobrir quem eu sou () Por isso Portugal e importante para mim porque Portugal e o meu passado. Cada vez que penso sobre Portugal e cada vez que leio qualquer coisa sobre Portugal e como juntar os pedaços (Por isso) quando me perguntam se sou portuguesa eu respondo que sou () mas antes de mais nada sou um ser humano. Obviamente tenho que reconhecer a minha cultura. Eu não abduco da minha individualidade. Proporciona-me um certo sentido de continuidade () quando relembro o que eu era la () ajuda-me a entender o que eu sou agora”

Essa jovem imigrante negando agora qualquer tipo de nostalgia dos modos de vida anteriores a emigração relembra que seus pais sentem falta da terra natal no cotidiano da America. Querem retornar e ao mesmo tempo estão adaptados aos Estados Unidos () quando meu pai fala da Terra Santa ele esta falando de Pico () e que estes sentimentos nunca são resolvidos”

Eventualmente seus pais como tantos outros que se aposentam viverão metade do ano em cada lugar

Um sentimento intenso de pertencer a Portugal

pode ser resolvido retornando. E qual é o destino daquelas que tentam retornar a terra natal? O testemunho de uma líder comunitária descreve várias etapas na percepção de sua experiência na terra natal, todas desenvolvidas após uma convicção de 16 anos de que seu lugar era nos Açores e não nos Estados Unidos.

Eu sentia que pertencia a Portugal () foi lá que me criei. Todos os meus amigos de infância estavam lá (). Mas quando voltei em 1976, fiquei muito, mas muito decepcionada. Esperava que em 16 anos as coisas iriam progredir mais rapidamente. Tudo era exatamente como antigamente. Meus amigos ainda lá estavam () agora casados e com seus próprios filhos, e tentamos conversar () mas a relação havia se tornado muito distante e superficial () porque ninguém podia compreender o que vivenciei (). Pensavam: "Você tem sorte. Você está na América, o maior país do mundo, você tem tudo e eu faria qualquer coisa para viver lá." E eu não pude relacionar-me com eles porque eles continuavam da mesma forma que eram quando os deixei. Não havia muita mudança. Estavam casados, mas as suas vidas eram ainda as mesmas, seja em termos de crescimento emocional ou financeiro, estavam em um nível totalmente diferente. Isto me fez ver quanto eu também não pertencia lá (). Era como se eu fôra uma criança sem um país.

Esta mulher confrontou-se com imagens estereotipadas da América que impulsionam a maioria dos imigrantes a se deslocar para os Estados Unidos. E estes estereótipos tornaram-se completamente inadequados para abranger a complexidade de sua própria longa trajetória nos Estados Unidos - as dificuldades iniciais, os confrontos com padrões, pais, marido e pai, as posições de autoridade, cada vez maiores, que aceitou desempenhar. Por mais inebriante que seja a sua ilha, agora não há ninguém lá que possa receber o seu novo **eu**. A terra natal, a qual ninguém louvou mais eloquentemente do que esta mulher, não proporciona espaço para o tipo de crescimento particular que a fez a mulher que se tornou. Sua conclusão é que ela pertence aos dois países, ou, em suas próprias palavras, nasceu de duas mães: Portugal foi o país que me fez nascer, a mãe que me gerou, e esta (a América) é a mãe que me adotou e que me nutriu e que me fez ser o que sou. E eu amo ambos, carinhosamente. Muito carinhosamente.

Conclusões

Embora a primeira vista possa parecer paradoxal, grande parte dos estudiosos que abordam questões relacionadas a classe, etnicidade e gênero no contexto da imigração tende a excluir de suas análises os significa-

dos que os próprios imigrantes atribuem as suas experiências migratórias e as suas vivências entre culturas. Devido à imposição de paradigmas e metaconceitos *a priori* estabelecidos restringem-se a estudar ora a inserção desses imigrantes no mercado de trabalho fabril americano ora a sua segregação (enquanto **minorias** ou subculturas étnicas) na sociedade americana ou ainda os efeitos da dupla jornada de trabalho nas relações de gênero sem levar em consideração os modos pelos quais imigrantes tendem a reinterpretar e reelaborar suas experiências na terra natal no contexto de suas experiências nos Estados Unidos. Consequentemente, essas análises tendem a não captar as complexidades que envolvem a experiência migratória, inclusive a (re)construção de gênero.

Neste ensaio apresentamos alternativas metodológicas para o estudo de problemáticas similares. Assim, ao privilegiar um enfoque transnacional que relaciona uma análise cultural detalhada ao estudo de processos sociais específicos³⁴, enfatizamos a necessidade de se levar em consideração a indissolubilidade entre pensamento e praxis, isto é, entre as atividades sociais e sua construção cultural³⁵. Nesse sentido, ao focalizar as memórias de duas gerações de açorianas no contexto de suas trajetórias específicas de imigração, vida e trabalho, procuramos examinar como as experiências dessas mulheres na América são diferencialmente mediadas pela construção cultural da **saudade da terra** e, portanto, pela contínua reelaboração de espaços e tempos atemporais da terra natal. A partir desta perspectiva, tentamos elucidar como essas mulheres diferencialmente (re)constróem suas identidades ao nível do **eu** ou da pessoa, diante de mudanças dramáticas nas suas condições de existência determinadas pela imigração e o confronto com valores culturais muitas vezes conflitantes no que se refere a gênero, classe, etnicidade, geração e idade.

Embora nossa análise focalize primordialmente as memórias e trajetórias de mulheres, utilizamos como contraponto testemunhos de homens açorianos, justapostos e contextualizados por dados provenientes de pesquisa de campo antropológica. Mesmo que essa comparação necessite ser futuramente aprofundada (principalmente no que se refere à reconstrução de gênero masculino e as diferenças de estilos literários existentes entre os discursos femininos e masculinos), nossos dados sugerem a importância de se levar em consideração as experiências que são comuns tanto as mulheres quanto aos homens de cada geração. Neste sentido, as diferenciações que perpassam as (re)construções de gênero feminino são principalmente demarcadas por mudanças de posição de classe, geração e idade.

Devido à nossa ênfase em distinguir trajetórias

³⁴ BOURDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. HARVEY, D. *op cit*. GLICK-SCHILLER, N. *op cit*.

³⁵ MURPHY, R. F. *op cit*.

geracionais vislumbramos semelhanças nas experiências de homens e mulheres no que se refere a idade com que se imigra. Nesse sentido indicamos que principalmente para aqueles homens e mulheres que emigraram já adultos e cujas trajetórias de vida abrangem a transição de atividades pre-industriais orientadas para a tarefa na terra natal para o trabalho industrial na América a recriação de representações simbólicas e práticas sociais de um passado de trabalho não-industrial proporciona significado as suas vidas arduas nos Estados Unidos. Ao reinventarem o seu passado imediato no presente americano e ao viverem uma duplicidade de vidas e de tempos, esses homens e mulheres adaptam-se e paradoxalmente resistem a imersão total no tempo industrial.

Nesta direção sugerimos que essa reterritorialização aos modos de vida açorianos - incluindo a recriação - por vezes exacerbada - de papéis de gênero de um tempo atemporal anterior a emigração - mascara - até certo ponto - mudanças nas relações de poder entre os sexos bem como entre gerações. Essa recriação de papéis de gênero também permite as mulheres que ingressaram no mercado de trabalho dissimular o enfraquecimento da autoridade do marido. Ao mesmo tempo a ênfase em trajetórias de vida também nos permitiu vislumbrar que no desenrolar de suas experiências na América muitas dessas mulheres começam a interligar ao seu imaginário lírico da terra natal avaliações realistas de suas realizações nos Estados Unidos - incluindo a entrada no mercado de trabalho - a independência econômica - o preenchimento gradual do sonho americano - e em alguns casos reformulações de relações de gênero.

Diferencialmente as reminiscências de mulheres e homens que emigraram ainda crianças são marcadas pelo confronto com a superposição de valores culturais antagônicos e pela fragmentação do *eu*. As narrativas das mulheres - enraizadas na sua condição feminina - são perpassadas por memórias das proibições e repressões que lhes foram impostas pelos seus pais e que estão imbricadas na exacerbção de tradições familiares transmitidas através de gerações relativas a construção diferencial de gênero. Enquanto algumas optam por uma identidade americana - outras - principalmente aquelas que se tornaram intermediárias culturais ou interpretes entre culturas - tendem a viver vidas duplas e paralelas - uma no âmbito doméstico e comunitário - inserida no mundo português e outra enquanto membros da sociedade americana.

Especialmente as narrativas das intermediárias culturais revelam percepções de suas posições contraditórias no âmbito familiar - ressentem-se do controle social a que foram submetidas e - ao mesmo tempo - das

responsabilidades que desde cedo lhes foram atribuídas. Devido a sua exposição mais direta a experiências contraditórias e conflituosas, essas mulheres aprendem a traduzir códigos culturais antagônicos: o que as ajuda de um lado a amenizar os conflitos entre seus pais e seus irmãos e irmãs e de outro, dada a sua crescente autoridade na família, a contestar pelo menos algumas das expectativas de seus pais associadas a construção do gênero feminino. No contexto de suas experiências de intermediação, as que conseguem seguir seus estudos tendem a tornar-se mediadoras culturais entre os imigrantes e as instituições americanas e, dessa forma, a mudar de posição de classe.

Mas se as suas existências são marcadas desde cedo pela fragmentação ou repartição do **eu**, no transcorrer de suas trajetórias de vida, muitas dessas intermediárias culturais percebem que a possibilidade de (re)construção de suas identidades pessoais está justamente na junção de suas experiências portuguesa e americana. Nesse contexto, passam a suplementar sua nostalgia da vida comunitária de seu passado imediato na terra natal com uma nova interpretação de sua experiência na América, avaliada em termos de seu crescimento individual. Ao mesmo tempo em que o seu bilinguismo e biculturalismo transformam-se na base de seus sonhos de libertação e de seu feminismo, surge um novo vocabulário que enfatiza crescimento e força individual, independência, competência, autodeterminação, consciência dos direitos da mulher, trazendo à tona uma outra dimensão do processo complexo de viver entre culturas e eventualmente a opção por uma outra cultura.